

Coimbra

Jornal de Estudantes da Universidade

ANO III

31 de Março de 1936

N.º 24

Direcção e propriedade de
Jorge de Moraes e António Cruz (editor)

Administrador:

Josquim Duarte de Oliveira

Redacção e Administração
Associação Académica de Coimbra

Preço 50 centavos

Comp. e Imp. Rua da Sofia, 116

Dr. Elias de Aguiar

Dois palavras sobre um morto ilustre

Quando o dr. Elias — era assim que nós o conhecíamos — foi a enterrar, acompanharam o seu corpo até o cemitério da Conchada umas escasas centenas de estudantes. A Academia não estava ali, em massa, como era seu dever: preferiu ficar na *baixa*, e arrastar uma vida de indiferença e ócio. E quasi iam a aplaudir a sua attitude... E' que só deviam acompanhar o corpo do dr. Elias, como aconteceu, aqueles que bem o conheceram, aqueles que o souberam compreender através das mais diversas manifestações da sua extraordinária actividade.

Acompanhei o dr. Elias, e com isso só me honro, através do seu trabalho insano de investigador e historiador da música portuguesa. Com ele me encontrei, variadas vezes, nas lutas em prol da região que nos foi berço comum. Eramos quasi patriotas.

E quiz Deus que fosse um parente meu, o Abade Sousa Maia, o sacerdote encarregado de acompanhar o corpo do dr. Elias até o cemitério de Vila do Conde, onde repousa para sempre. Porisso me sentia na obrigação de acompanhar também o corpo do dr. Elias até o cemitério da Conchada. Porisso, — e porque o dr. Elias era um meu grande amigo, um amigo raro. E cumpri essa obrigação.

E vem este exórdio à guisa de intróito, apenas para aqui deixar duas linhas sobre esse aspecto da figura do dr. Elias que não foi ainda sufficientemente estudado, — nem devidamente focado: o aspecto do grande historiador da música portuguesa que ele era.

Trabalhando ao seu lado, vivi também as suas grandes horas de entusiasmo. E essas horas sucediam-se: ora porque conseguia rectificar devidamente um compasso errado duma tocata inédita e desconhecida do cravista Carlos de Seixas, ora porque conseguia acabar a transcrição em anotação moderna dum trecho de Duarte Lobo, ora porque conseguia copiar na integra uma página velhinha, a desfazer-se, dum códice onde andam alguns trechos dum compositor ignorado, um certo D. Pedro, Cônego Regente de Santa Cruz de Coimbra. Assim, a sua obra, avolumando-se, entusiasmava-o, levava-o mais além, obrigava-o a alargar o âmbito dos seus projectos, criava-lhe maiores responsabilidades. Mas jámais desfaleceu. A morte veio surpreendê-lo, por assim dizer, em plena actividade. Já de cama, respirando a custo, só pedia a Deus que lhe desse forças para levar a cabo a obra intendeda. Trazendo a público as riquezas incalculáveis da preciosa colecção de manuscritos e impressos musicais da Biblioteca da Universidade, prestaria um enorme serviço ao país. A obra ficou por acabar: mas a parte realizada é mais que sufficiente para garantia do seu valor, para aviar bem o que essa obra viria a ser, — e para uma justa apreciação do grande músico, do erudito investigador que era o dr. Elias de Aguiar.

(Conclui na 2.ª página)

HOMENAGEM

Aquela instituição modelar, cheia de luz e de sol, que se chama *Asilo da Infância Desvalida*, teve inicio em 10 de Abril de 1836 no antigo Colégio Universitário de Santo António, sito no logar da Pedreira a meio da Rua dos Grilos, hoje Rua do Dr. Guilherme Moreira, e, desde então, as suas telhas vêm protegendo amorosamente e com um carinho que enternece, muitas crianças infelizes que ali foram encontradas ao conforto e a alegria que as faz cantar a grande ansia de viver.

Quem quizer enebriar a sua alma de prazer inefável, suba os poucos degraus que dão acesso ao *Asilo* e peça para entrar.

Dentro encontrará, no aceso mais esmerado, uma colmeia de pequeninos corações que um grande Filantropo e Homem de Ciência dos mais ilustres do nosso tempo, acarinha paternalmente e protege com o maior desvelo.

Queremos referir-nos ao Professor Elisio de Moura, que tanto honra a nossa velha Universidade como Sábio da mais justa fama, e tanto se revela, também, como amigo desinteressado dos infelizes, em cujas almas o cinzel da gratidão esculpiu o seu nome aureolado.

As colunas do nosso jornal honram-se publicando estas modestas palavras de admiração por aquele Templo de amor, pois o *Asilo da Infância Desvalida* não é já, apenas,

aquela benemérita tentativa de Abril de 1836, quando à sua Direcção presidia o Vice-Reitor da Universidade Doutor José Alexandre de Campos e onde foram acolhidas somente 12 crianças, mas uma realidade emocionante de solidariedade humana, agora devota, exclusivamente, ao esforço hercúleo e permanente de um Homem que tomou à sua guarda a enorme legião de 174 crianças e para elas vive com uma dedicação tão singular e um tão divino fervor que bem justo é que o seu nome ande sempre a bailar nos lábios das almas bem formadas.

Naquela bendito recolhimento os olhos do visitante prendem-se, enamorados, desde o aspecto geral que o *Asilo* lhe oferece até ao pormenor mais insignificante que nele se encontre.

Debruçado sobre o Mondego, enquanto a paisagem se mostra ao longe, pitoresca e lendária; o sol entra pelas suas rasgadas janelas a beijar o enorme rancho de cotovias que traquam e chilreiam no grande ninho fôfo e acolhedor que um grande coração lhes construiu.

Que maravilha!

Na visita que ali fizemos gosamos doces momentos de sublime espiritualidade, tão suggestiva foi a impressão recebida que nos dominou inteiramente.

Desde a cosinha aos dormitórios, a hygiene, a simplicidade, o conforto e o bom gosto fazem do *Asilo da Infância Desvalida* um pequenino Paraíso.

Tudo ali se encontra disposto por forma a enlevar a alma do menos sensível e a impressionar a retina do mais desceidado.

Apenas um encanto!

Acompanhou-nos, amavelmente, o ilustre Professor Elisio de Moura, seu distinto Director, que, de pupila iluminada, nos ia falando, com alegria bem comprensivel, do que tem sido aquella instituição generosa.

Quando lhe quizemos proferir uma palavra de homenagem, logo Sua Ex.ª atalhou dizendo, calorosamente, que tudo aquilo se devia aos seus antecessores, entre os quais destacou o Conselheiro Costa Alemão, que foi Director da Faculdade de Medicina, e em cuja administração, activa e escrupulosissima, teve como virtuosa cooperadora a sua veneranda Esposa, excelso modelo de bondade e dedicação pelos infelizes.

Mas nós bem sabemos que a lotação das crianças em 1922 — quando o Professor Elisio de Moura assumiu a direcção do *Asilo* — chegou a ser apenas de 10, e que hoje ela ascende a 174!

E este facto — de scintillante fulgurante na Escola cristã — nem a modéstia de Sua Ex.ª nem o seu desejo de apagar-se como benemérito e filantropo, conseguirão ofuscar-lo.

Efectivamente, vestir, calçar, alimentar, assistir clinicamente e preparar para as dificuldades da vida, com uma sã educação moral, 174 crianças, nesta época de conhecido egoismo, é empresa sobrehumana

(Conclui na 4.ª página)

Queima das Fitas

Vão realizar-se mais uma vez as festas tradicionais da Queima das Fitas. Promovidas pelos quartanistas das diferentes faculdades e levadas a efeito pelo seu esforço, exclusivamente, as festas da Queima das Fitas crescem de ano a ano em brilho e animação, trazendo a Coimbra muitos milhares de pessoas que constituem a melhora sociedade de todos os pontos do país.

Animase a cidade duma forma intensa e original e tudo se passa como que, se em dia de festa, se reunisse em Coimbra a grande Família Académica!

Uma alegria estonteante se observa em visitantes e visitados, estes radiantes por receber na sua casa as pessoas que lhes são mais queridas, aqueles orgulhosos e felizes, compreendendo então verdadeiramente o sentido dos versos que o povo canta:

Coimbra, nobre Coimbra,
Que fazes dos estudantes?...
Vão pra lá tão criancinhas!
Saem uns extravagantes!...

O estudante Elisio Ferreira de Melo Montargil, laureado quartanista de medicina, que este ano preside à Comissão Central da Queima das Fitas, e apesar de sempre preocupado na grande actividade que desenvolve, recebe gentilmente sempre que alguém o procura.

— Diga-nos alguma coisa sobre as suas festas — lhe perguntamos ontem no seu gabinete de trabalho.

— Com muito prazer darei ao Coimbra todas as informações que me pedir.

Temos só vantagem em que ele leve aos seus leitores algumas notícias da Queima das Fitas, a fim-de que se vão preparando com tempo, pois as festas estão a aproximar-se.

— Quantos dias duram os festejos? — 6 dias. Começarão em 23 de Maio com a inauguração do IV Salão Académico e terminarão em 28, dia dedicado aos novos quartanistas, que se apresentarão de grêlo na lapela.

A distribuição do programa de festas ainda não está definitivamente determinada. Haverá um baile magestoso — o Baile das Faculdades — que constituirá um dos mais belos números do programa. Vanise Meireles possivelmente executará alguns bailes de arte do seu magnifico repertório de incontestável triunfo.

No segundo dia de festas — dia 25 — por ser domingo, terá forçosamente lugar a Garraíada, que é sempre um espectáculo cheio de vida e mocidade em que o entusiasmo e valentia de meia duzia de toureiros de improviso são postos à prova, com êxito para eles — ou para o bicho...

— Bastantes vezes para o bicho, interrompemos. Ainda nos recorda um célebre «par de bandarilhas» que um poeta apaixonado, como se fôra o próprio coração, oferecera em certa tarde — de sol e de mósca — à fidalguia da princesa eleita em seu peito, o que lhe custou os fundilhos da indumentária e o desgosto dum amor perdido!...

(Conclui na 4.ª página)

Da Arte e das Artes Sinfonia do Silêncio

Apontamentos

A história da música não é mais que um capítulo da história geral da Arte. No entanto, e apesar de todos ou quasi todos afirmarem que a música é a Arte por excelência, a mais insinuante, a mais simultaneamente humana e divina, digamos, a que mais nos toca a alma e nos arrebatava para os longes do Ignorado, apesar desta superioridade ou generalidade da música sobre as outras artes, porque é que em tantas obras assinadas por nomes ilustres, «a rúbrica *História da Arte*, não designa mais que uma história das artes do desenho?»

A que critério obedecem os historiadores da arte para collocarem a Música, a Dança e a Poesia fóra dos seus estudos, se Música, Dança e Poesia não são mais que exteriorizações diversas da Arte Única?

Não sabemos. O que sabemos é que ainda nos não passou pelas mãos uma *História da Arte* que se occupasse da Música, da Dança e da Poesia, embora tais manifestações devesssem enquadrar-se à vontade sob a designação geral de Arte, porque Arte são, ainda que vasados em moldes bem diferentes dos que moldam as artes do desenho.

J. Combarieu, divide maravilhosamente a Arte Única em duas *tríades* principais e independentes: «a tríade das artes do espaço, ou da *beleza imóvel*», que são a pintura, a escultura e a arquitectura, e «a tríade das artes do tempo, ou da *beleza em movimento*», que são a Música, a Poesia e a Dança.

A literatura em prosa, quando Arte, será poesia, e classificada então *beleza em movimento*, ou não terá uma classe especial, participando de todas, porque a literatura — Arte esculpe, desenha, pinta, canta e dança, submetida sempre ao império do ritmo, um ritmo geral ou particular, sem o qual não há artes nem Arte.

Perguntai a razão do que acima disse, interpretando uma opinião geral, que a música é a arte mais insinuante, mais simultaneamente humana e divina, a que mais nos toca a alma e nos arrebatava para os longes do Ignorado, e responder-se-vo-há que a música e todas as *artes do tempo*, sendo imateriais (a própria dança, despertam, organizam-se e desenvolvem-se em nós mesmo, fazendo-nos assistir a uma criação-acto, desde a génese até ao fecho da ideia concebida. Ouvir uma peça musical, comprehendê-la, interpretá-la, é obrigar-nos a um esforço íntimo, porque ela se constrói no espírito do auditor e só nêle existe.

«A música é a arte de pensar com sons, *sem conceitos*».

Pelo contrário, nas *artes do espaço*, na beleza imóvel, o espectador recebe a impressão directa e conjunta do que foi criado e encerra uma ideia materializada. Além disso, como sensação recebida completamente do exterior, já acabada, como criação-facto chocando com toda a sua massa de encontro ao nosso espírito, torna-se-nos menos apreciável no seu conjunto, menos subtil...

A música, diz o grande filósofo péssimista Schopenhauer, exprime uma verdade superior a toda a realidade material.

E isto, que é já por si uma verdade superior a toda a realidade material, não quer dizer que as outras artes, nomeadamente na escola moderna dos materialistas, chamemos assim aos artistas verdadeiros e sinceros da nossa geração, não quer dizer que as outras artes se reduzam a focas as realidades materiais. Um tal conceito seria injusto e menos racional. Simplesmente o artista criador da beleza imóvel encontra por toda a parte as dificuldades de ordem material que ao músico se não deparam e, embora conceba algo de mais além não o poderá realizar na medida dos seus de-

Ah, deixa que o silêncio agora fale
E a tarde cáia, lenta, sobre o vale
E marulhem as águas entre escolhos,
Enquanto eu ponho os olhos nos teus olhos,
Para ver lá no fundo, inquieta ou calma,
A tua vida tódá, a tua alma,
O presente, o futuro, o teu passado;
Tudo o que pensas e o que tens pensado,
Tudo o que vives e o que tens vivido!
Que se faça um silêncio dolorido
Nos cedros e nos plátanos do Parque,
Como nas horas tristes dum embarque...
Deixo que a própria Vida tenha voz
Para falar de Deus, do Amor, de nós,
Sem palavras humanas, mentirosas,
Mas sim na lingua musical das coisas!...

Seria assim, talvez, seria assim
— Se a voz de Deus descesse sobre mim —
Que eu diria o que sinto. Então verias
Um rio de cristal e pedrarias,
Repuxos de oiro erguidos às estrélas;
Rosas no céu e os anjos a acendê-las...
Num maguado crepúsculo de outono,
O meu palácio ideal de rei sem trono:
Num jardim babilónico, suspenso
Entre fumos azuis de mirra e incenso,
Teu Vulto magestoso, em ar de mágia...
E tu chorando um choro brando,
Como se o vento desfolhasse sobre a Terra
Um lirio branco de luar e água!

Gerez, 29-8-35

CAMPOS DE FIGUEIREDO.

Falecimento

Por falecimento de seu pai encontra-se de luto o sr. António de Oliveira empregado na tipografia em que se imprime o nosso jornal. Apresentamos-lhe as nossas condolências.

ESTUDANTES: ao fazerdes as vossas compras deveis preferir sempre as casas que o vosso jornal anuncia. Assim lhe prestareis ótimo auxilio.

João.

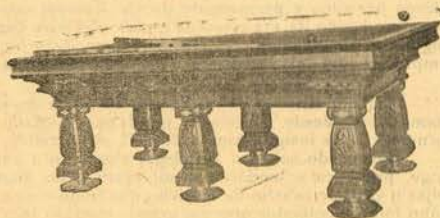
BILHARES VITÓRIA

Fábrica de Bilihares de precisão

A mais importante Fábrica do País (no género)

RUA DA VITÓRIA, 90 A 96

PORTO Telefone 2756 PORTUGAL 134-Rua dos Douradores, 2.º, E. Telefone 20996



AGÊNCIA EM LISBOA:

Viuva ANTONIO FUSRTNAU

Em Lisboa o Hotel preferido pelos Estudantes de Coimbra é o

Suisso Atlântico Hotel

Cosinha higiénica Quartos esplêndidos
Preços especiais para excursões

Rua da Glória, 3
LISBOA

Filantrópica Académica

Senhor Redactor do jornal Coimbra:

Sendo do conhecimento da Academia que Coimbra é um jornal académico que pugna pelos interesses dos estudantes, venho pedir a V. a fineza de publicar no seu jornal, pelo que desde já me declaro agradecido, a fim de ser mais largamente conhecido o meu pensamento, a carta que escrevi ao sr. Presidente da Associação Filantrópica Académica, nestes termos:

Ex.ª Senhor Presidente da Associação Filantrópica Académica de Coimbra:

Sou subsidiado, desde há anos, pela Filantrópica Académica, instituição que V. Ex.ª dirige, e tenho notado que o subsidio tem diminuido de ano para ano.

Como estudante, e, principalmente, como directa e imediatamente interessado, fui levado a investigar quais as causas desse facto. A causa próxima toda a gente a conhece: é a escassez de receita e, portanto, a impossibilidade de dar aos beneficiados por esta instituição um subsidio mais elevado, acrescentando ainda a circunstancia de aumentar o número de estudantes pobres a solicitar-lhe auxilio.

Mas há causas mais afastadas. Certamente não será um subsidio que vem dizer a V. Ex.ª quais essas causas: espero que V. Ex.ª não interprete a minha attitude como qualquer falta de consideração perante quem dirige a valiosa instituição — Filantrópica Académica — que tantos beneficios tem prestado, de que venho participando há anos. Porém, porque já sou homem, e vivo no seio desta Academia há dez anos, interessando-me pelo seu

(Conclui na 4.ª página)

VINHOS DO PORTO: Riqueza Nacional...

VINHOS FINOS DO DOURO

Todos os nossos tipos de VINHOS DO DOURO, são colhidos nas nossas propriedades, aqui armazenados e daqui expedidos directamente.

O escrúpulo e o cuidado que presidem a todos os serviços, assim como a situação das nossas vinhas, e a seleção primorosa das castas, são garantia absoluta da superioridade dos nossos productos e da genuína pureza.

Nós nunca tratamos de fabricar á pressa vinhos baratos, para combater outras marcas, baratas ou caras, espalhadas pelo País. Desçamos tão somente tornar conhecidos dos bons apreciadores os excellentes e incomparáveis VINHOS GENEROSOS DO DOURO, a única região portuguesa que pode dar o que há de melhor neste género, tão vulgarizado e infelizmente tão falsificado.

Peçam: «DOURO VELHO» de JOÃO ALVES BARRETO — RÉGUA

Ao Distribuidor: Gregório Silva Peixoto Praça do Comércio — COIMBRA

Farmácia do Castelo COIMBRA

Depósito de instrumentos e mobiliário cirúrgicos Aparelhos de electricidade médica

Preços de absoluta concorrência com as casas de LISBOA e PORTO

RECOMENDAMOS

Peças suas ótimas instalações e pela modicidade dos seus preços:

Hotel Avenida

Um dos melhores e mais bem situados de Coimbra

Coimbra Hotel

Próximo da Estação Nova dispondo dos melhores confortos

Proprietário Gerente:

FILIPE PAIS FIDALGO

TELE (gramas: **HOTELAVENIDA**
fone: **18**

PIANOS E ORGÃOS

AS MELHORES MARCAS

MUSICA CLASSICA
e de DANSA
Completo sortido

INSTRUMENTOS para
Banda, Orquestra e Tuna
CORDAS e ACESSORIOS

A única casa especializada em
música em Coimbra

Salão Beethoven

PRAÇA 8 DE MAIO, 18-1.º

COIMBRA

CORTEBERT

O melhor relógio

o de maior precisão

incontestavelmente

o que deve ser

preferido por todos

Olimpio Medina

EDITOR DE MUSICA

Instrumentos para:
Banda
Orquestra
Tuna
e Jazz

O maior
sortimento



Os melhores
preços

Rua Visconde da Luz, 36-1.º
COIMBRA

Oficinas de Sageria e Carpintaria

Instância de madeiras
Nacionais e Estrangeiras

FERREIRA & SEMIDE, L.^{DA}

RUA DIREITA, 119 e RUA DA NOGUEIRA, 1

TELEFONE, 226

COIMBRA

Nestas oficinas executam-se todos
os trabalhos concernentes à sua arte

Fornecem-se orçamentos para qualquer serviço da nossa arte

Loja das Meias

J. Lopes de Carvalho



LUVAS

Artigos de Malha

Camisaria e Gravataria



102, Rua Ferreira Borges, 106

COIMBRA

TELEFONE N.º 1078

Café Montanha

TELEFONE 1018

LARGO MIGUEL BOMBARDA

COIMBRA

O mais bem situado de Coimbra

Serviço esmerado

Selecta frequência

Música todas as tardes e à noite

Pastelaria, Tabacos Nacionais e Estrangeiros

Bifes

BILHARES DE PRECISÃO

O melhor café é o do Montanha

CALÇADO DE AGASALHO

Lãs nacionais

e estrangeiras

GRANDES NOVIDADES

na Casa das Novidades

: Retrosaria :

: Camisaria :

: Malhas :

Artigos de bordar

Vendas por junto e a retalho

181, R. Ferreira Borges, 183 - Telef. 951

COIMBRA

VIDA DESPORTIVA

Uma derrota que não deslustra o vencido. O Foot-Ball Club do Porto e o sr. Diniz (árbitro) ganham a Associação Académica por 4-2

A tarde estava boa, excepcionalmente, e tudo prometia uma boa jornada desportiva.

O público de Coimbra e de fora correu ao campo de Santa Cruz. Muitos desportistas portuenses faziam-se acompanhar de senhoras das suas famílias, algumas das quais ostentavam bandeiras representativas do campeão do Norte.

Boatos infundados faziam suspeitar que a vinda a Coimbra dos adeptos do Foot-Ball Club do Porto fizesse recordar a recepção que o ano passado dispensaram ao glorioso Orfeon Académico desta cidade — contra a qual a opinião pública tanta repugnância manifestou — e tivesse agora a sua natural repercussão.

Os srs. capitão Sérgio Vieira e tenente Carlos Carmo, Comandantes da Polícia, tomaram as devidas providências e a Academia de Coimbra, de resto, não quiz descer à prática dum procedimento equitativo.

O jogo

Às 15,25 o grupo northeno entra no rectângulo e a assistência recebe-os com ovação.

Minutos depois aparecem os jogadores locais que são alvo de enormes aplausos. Cristóvão Lima, que volta a jogar, é especialmente aplaudido.



Rui Cunha

O jogo inicia-se às 15,35 saindo a Académica. Nos primeiros momentos os jogadores equilibram-se e a bola mostra-se agressiva em ambos os campos.

Tibério e Soares dos Reis são forçados a intervir constantemente.

Findo o primeiro quarto de hora o Porto, por intermédio de Waldemar, transforma uma avançada no primeiro goal d'este jogo. A seguir Nunes, segunda vez em off side nítido, marca a segunda bola para o seu grupo, que o árbitro consente.

A luta continua activamente e o final da primeira parte aproxima-se sem que nada de maior haja a registar. No último minuto, porém, Catela obtém, dum pontapé bem dirigido, o primeiro ponto dos estudantes.

Terminado o intervalo o jogo toma outra feição; os campeões do norte mostram menos apêgo à luta e os estudantes têm o empate à vista logo de entrada. Rui, depois de driblar Avelino, shoota livremente mas a bola raze velozmente a trave superior.

Tudo levava a crer que o resultado iria ser desta vez favorável aos estudantes. O árbitro, porém, tratou de expulsar injustificadamente Rui Cunha. Desta forma, dava para a vitória do Porto, a sua melhor contribuição. Pascoal tinha saído magoado,



Dr. Cristóvão Lima

Ficaram, portanto, a jogar de Coimbra, nove jogadores apenas.

Dum corner contra a Académica faz Pinga o 3.º goal da sua equipe.

Mario, em seguida, dum «tiro» põe a bola em condições de ser aproveitada por Catela, fazendo-se o 2.º goal para os locais. Mario, pela energia que dispndia, tornava-se em risco sério para o Porto; portanto, é agredido por António Santos e o árbitro convida os dois a sair. Depois o Porto ainda marcou mais uma bola. O desafio terminava e o Porto, e o árbitro, tinham vencido oito jogadores da Associação Académica.

Os jogadores

A Académica Rui, como sempre, brilhou; Mario, Catela e Maia, lutaram denodadamente; Rosa jogou muito bem.

Os médios cumpriram e Portugal salientou-se. A defeza satisfez. Se não fôra a falta de três jogadores o Porto sentiria talvez o peso da derrota. Bem pode agradecer ao sr. Diniz.

Do Porto, Pinga foi brilhante e os corners que marca são formidáveis. António Santos foi o mais apagado.

O árbitro

O sr. Diniz não tem a culpa. Culpa tem quem o consente. Não deve, pois, ser forçado especialmente mas sim servir de ensejo para mais uma vez advertirmos os mentores do foot-ball português. O desporto é ultrajado e as suas finalidades desvirtuadas se o decidir dum jogo é função impunitivo dum individuo que muitas vezes nenhuma categoria abona.

A fechar

Um crítico de má fé, que tão sobejas provas de ódio tem dado aos estudantes de Coimbra, conhecedor da atônica criada à volta d'este desafio, veio propositadamente observá-lo.

Não sabemos se era sua intenção colher ensinamentos no campo da violência para levar aos grupos inocentes da capital. Sabemos, porém, que deturpou a verdade no relato que fez e as suas falsidades, felizmente, revelam-se comparando a sua crítica com a que é feita nos outros jornais.

Soares Fernandes.

Filantropia Académica

Por absoluta falta de espaço não nos é possível terminar a carta do sr. António Lopes da Silva, o que faremos no próximo número assim como algumas considerações que ela nos sugere.

◊ : CINEMAS : ◊

HOJE

Tivoli — «A Sinfonia do Amor».
Sousa Bastos — «Traição» e «Nos confins do mundo».

HOMENAGEM

(Conclusão da 1.ª página)

que nos deixa perplexos, mormente sabendo-se que todos esses encargos são voluntariamente assumidos por Alguém que ali sepultou e sepulta todos os réditos de que dispõe, que eles provenham da sua função de Professor Ilustre e Neurologista consagrado, quer hajam constituído património oriundo de heranças de família.

Que grande exemplo!

E, para que nada ali falte, funcionam também no Asilo três escolas oficiais, criadas na vigência do Ilustre Professor, sendo uma para as crianças do período pré-escolar e as outras duas de habilitação até à quarta classe.

Ao terminarmos a visita, que foi longa e nos pareceu um instante, cachos de pequeninas garrulavam, na volta do jantar, como bandos de rouxinóis.

Nos seus olhitos, vivos e alegres, lampejava toda a frescura das suas almas em botão, e nos pequenos lábios, rosados como papoulas, adivinhava-se lhes, facilmente, um cântico de aletuia.

E já na rua, sob os aguaceiros fortes dos últimos temporais, impuzemos a nós próprios a imperiosa obrigação de escrever estas palavras de homenagem ao Professor Elísio de Moura que é, simultaneamente nte, um Homem de Ciência que muito prestigia a nossa velha Universidade e um Grande Coração, deante do qual todos os homens bons respeitosa-mente devem descobrir-se.

Honra lhe seja!

Vão realizar-se no mês de Junho grandiosos festivais em favor da «Casa dos Pobres».

Tratando-se de uma instituição que constitui o orgulho da cidade de Coimbra, estamos convencidos de que o êxito será absoluto, o que muito nos agrada registrar.

▼

Nos dias 1, 2 e 3 de Julho próximo realiza-se nesta cidade o VI Congresso Beirão.

Desejamos ardentemente que decorra com o brilho e patriotismo que se têm visto nos anteriores.

▼

Dizem que estamos na Primavera!

Nós não desmentimos, porque nunca fomos espirito de contradição. Mas nem por isso deixamos de trazer sobretudo, calçar galochas e abrir o guarda-chuva.

Dir-se-á que a Natureza e os homens andam ao desafio nos seus desvaivos.

▼

A Administração Geral dos Correios e Telégrafos entregou aos Tribunais o Dr. António Ferreira da Costa acusando-o de insultar gravemente algumas telefonistas da Central de Coimbra.

Dr. Elias de Aguiar

(Conclusão da 1.ª página)

O dr. Elias, o amigo.

Poucos dias antes de morrer, dirigiu-se, a custo, à Biblioteca da Universidade, só para saber o que se passava acerca de certo assunto que me dizia respeito. Lá partiu, de novo, satisfeito, radiante, só porque as notícias que eu recebera pouco antes me haviam deixado também, satisfeito.

Era assim: bom, acolhedor, afável, sacrificando-se por aqueles que estimava, o que equivale a dizer que se sacrificava por todos, — pois a todos estimava e não tinha, estou certo, um único inimigo.

Mas porque era assim, bom, acolhedor, afável como ninguém, é que o pranteamos. Jámais será esquecido. As suas qualidades excepcionais obrigam-nos à gratidão eterna!

Que descanse em paz!

ANTÓNIO CRUZ.

Queima das Fitas

(Conclusão da 1.ª página)

Mas, desculpe a divagação e queira ter a gentileza de continuar.

— Far-se-á uma paródia ao Cortejo Medieval que ofuscará tudo quanto a antiga musa canta. A Academia mostrará até que ponto chega a sua graça, jámais desmentida.

Um brilhante Sarau de Arte organizado pela Sociedade Filantropico-Académica, será levado a efeito com a colaboração do Orfeon, Tuna e Fado.

Será também uma festa atraente a Tardo desportiva pela organização que se pretende imprimir-lhe.

O cortejo da Queima das Fitas, no dia 27, não terá menos brilho que os dos anos anteriores.

Haverá ainda quatro dias de Festivais no Parque com números novos, iluminações deslumbrantes e maior número de atractivos. Muitas bandas de música e vários grupos de gaiteiros animarão as ruas. Faremos vir exhibir-se em Coimbra alguns «ranchos» de nome, com os «Os Esticadinhos» de Cantanhede e o «Rancho de Vila Nova de Anços».

— E ainda me falta falar no Dia do Quintanista. Este dia, como nos anos anteriores, destina-se à venda de pequeninas pastas pelos quintanistas velhos, que percorrerão as ruas da Cidade na formosa tarefa de auxiliar as pequeninas do Asilo da Infância Desvalida que os acompanham.

Como vê, a par dos folguedos, — dias de despreocupação e de descanso na labuta escolar — alguma coisa de bom se realiza e alguma finalidade de maior elevação temos em vista; o IV Salão Académico, em que se fará a exposição de pastas de luxo, uma conferência etc., é o dia de cultura intelectual; com a tarde desportiva tem-se em vista a propagação da educação física; o sarau promovido p-la Filantropia constitui uma noite de arte e o Dia do Quintanista é o dia enternecedor de educação moral.

Restava-nos agradecer ao sr. dr. Elísio Montargil, o seu gentil acolhimento.

E a todos os nossos leitores, antigos estudantes da velha Universidade, cumprimentamos antecipadamente e exprimimos a certeza do prazer que vamos sentir em receber, em franca camaradagem, nos dias da nossa festa que ainda é a sua, as gerações mais antigas que nos legaram o orgulho legítimo de sermos estudantes de Coimbra!

Visto pela Comissão de Censura.